

32º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS - 2008

GT 14: DESIGUALDADES: PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO

## TRABALHO AUTÔNOMO PRECÁRIO E MECANISMOS DA DESIGUALDADE DE GÊNERO <sup>1</sup>

José Alcides Figueiredo Santos (UFJF)  
Jurema Gorski Brites (UFJF)

---

<sup>1</sup> Este estudo contou com um auxílio de pesquisa principal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig e um complementar do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Participaram da investigação três bolsistas de iniciação científica, Eder Lima Moreira, Lara Cruz Correa e Natália Leão Siqueira, que realizaram as entrevistas e contribuíram no tratamento dos dados. Correspondência pode ser enviada para: josealcidesf@yahoo.com.br.

O elevado estiramento da estrutura da desigualdade social, existente no Brasil, contribui para a reprodução de formas de desigualdade dentro da desigualdade. Determinados contextos de classe, já em clara desvantagem de recompensas, são ainda assim perpassados ou cindidos por diferenças de atributos de status que marcam os seus ocupantes. O conjunto das posições de classe destituídas, que possuem renda no trabalho principal, representa no país 31,2% da estrutura de classes <sup>2</sup>. Compõem este agregado as categorias de classe de trabalhador autônomo precário, trabalhador elementar e empregado doméstico. O destino econômico de muitas mulheres está associado a estes contextos de classe. As mulheres estão mais concentradas (38%) do que os homens (26,6%) dentro deste grande conjunto de classe. A situação encontrada particularmente entre os trabalhadores autônomos precários, merece uma ênfase especial, pois além das mulheres estarem sobre representadas nesta categoria, existe dentro dela uma elevada distância (*gap*) de renda de gênero. Este contraste surge naturalmente da comparação do *gap* desta categoria com os patamares encontrados entre os trabalhadores típicos, os trabalhadores elementares e os empregados domésticos. Na categoria de trabalhador autônomo precário a renda média do trabalho principal do homem, no ano de 2005, equivale a 503,73 reais, contra 286,64 reais da mulher, o que dá uma distância de renda bruta de 75,64% a favor do homem (ver Tabela 1). A estimativa da distância de renda líquida ou ajustada, com o controle estatístico de diversos fatores, produz ainda assim nesta categoria uma vantagem de 44,6 % favorável ao homem, conforme foi demonstrada em Figueiredo Santos (2007) <sup>3</sup>. O trabalho atual focaliza então a distância de gênero dentro de uma categoria de classe destituída e precária na estrutura social do Brasil.

Estabelecidos os padrões sociais que afloram das interseções e interações entre classe social e gênero, cabe a partir daí lançar luz sobre os mecanismos que explicariam as regularidades sociais encontradas. Formula-se uma proposição explicativa mais geral visando dar conta da variabilidade do efeito de gênero quando são confrontados os

---

<sup>2</sup> Esta proporção aumenta ainda mais ao serem considerados os que trabalham sem renda, como aqueles engajados na agricultura meramente de subsistência, e os trabalhadores excedentes (desempregados). Estudo mais abrangente mostra que as posições destituídas representam 43,46% da estrutura social brasileira ao ser considerado como unidade de análise o indivíduo e 37,60% ao ser tomada como unidade de análise a família (pessoa de referência da família) (Figueiredo Santos, 2008)

<sup>3</sup> Trata-se de uma estimativa usando um Modelo Linear Generalizado e que incorpora as variáveis de controle horas de trabalho (*spline* linear), raça, credenciais educacionais, tempo de trabalho, tempo no trabalho atual, setor público/privado, seis grandes setores econômicos, região, residência urbana/rural, condição de migração e acesso às posições de classes. As distâncias de gênero de renda estimadas para outras categorias de classe são: trabalhador típico (32,3%), empregado doméstico (27,9%) e trabalhador elementar (18,6%).

trabalhadores assalariados e as formas mais autônomas de destituição. O trabalho assalariado no Brasil, mesmo quando destituído, representa uma esfera ainda relativamente padronizada e institucionalizada, o que pode ajudar a conter uma parte do efeito de gênero. Categorias de classe destituídas, situadas fora deste âmbito, envolvem situações mais heterogêneas e tem a sua renda depende de uma variedade mais imponderável de circunstâncias. Neste contexto menos ordenado pela relação de emprego e o processo de trabalho, o efeito de gênero pode ser exacerbado, pois este atributo principal que acompanha a pessoa em todos os momentos e domínios de atividade social exerce-se de modo mais desimpedido. Isso não quer dizer que a inserção num universo de trabalho mais institucionalizado pode garantir, por si só, maior equanimidade de gênero nas relações e condições de trabalho. Como a generificação das relações societárias são em geral naturalizadas, os constrangimentos de gênero podem ser reduplicados em relações bem institucionalizadas. Todos os contextos de classe, embora com intensidade diferenciada, permitem a reprodução de um relevante gap de gênero de renda. Entretanto, determinados contextos de classe, por conta das suas características, dão lugar a uma intensificação desta distância de gênero de renda (Figueiredo Santos, 2007).

Uma forma de aprofundar o entendimento deste hiato de renda seria desagregar a categoria de classe de "trabalhador autônomo precário" e ver em que medida determinados componentes ocupacionais e características da sua atividade variam conforme gênero e estão associados às discrepâncias de renda. A Tabela 1 apresenta a distribuição e renda média dos contra próprias precários, distinguindo homens e mulheres, de acordo com o tipo de estabelecimento ou local onde é exercido o trabalho principal. Existe um contraste de gênero bastante evidente no tipo de local de trabalho. A grande maioria das mulheres desta categoria trabalha no domicílio em que mora. Já os homens, em sua maioria, trabalham no domicílio designado pelo cliente ou freguês. Por outro lado, homens e mulheres que trabalham em via ou área pública estão em uma proporção relativamente próxima.

A distância de gênero de renda mais contrastante, excetuando a ínfima categoria de outro local, está entre aqueles que trabalham no domicílio em que moram. Isto indica que a desigualdade de renda de gênero não decorre apenas da distribuição em diferentes locais de exercício do trabalho principal. Homens e mulheres que trabalham no domicílio em que moram estão envolvidos em diferentes ocupações, atividades e níveis de

engajamento de trabalho. Entre os homens predominam as ocupações de vendedor demonstrador (31,4%), dono no serviço de alimentação (6,5%), serralheiro (5,2%), marceneiro (4,8%), serviço de beleza (4,4%) e mecânico (4,1%)<sup>4</sup>. Fora isso existe uma grande diversidade ocupacional. Já entre as mulheres dominam as ocupações de costura a máquina (15,5%), vendedora demonstradora (15,2%), serviço de beleza (12,9%), tecelã artesanal (10,2%), cozinheira (5,1%), confeitadeira (4,7%), lavadeira (4,4%), confecção artesanal (4,3%) e preparação de confecção (4,1%).

Tabela 1. Distribuição e renda média em Real dos trabalhadores autônomos precários, de homens e mulheres, segundo o tipo de local de trabalho Brasil, 2005

| Tipo de local de trabalho | Homens         |             | Mulheres       |             |
|---------------------------|----------------|-------------|----------------|-------------|
|                           | Distribuição % | Renda Média | Distribuição % | Renda Média |
| Domicílio moradia         | 12,65          | 622,06      | 62,83          | 270,58      |
| Domicílio de outro        | 13,38          | 518,70      | 5,96           | 299,67      |
| Local designado cliente   | 50,08          | 522,88      | 11,90          | 322,89      |
| Via ou área pública       | 23,65          | 391,05      | 19,23          | 314,96      |
| Outro local               | 0,24           | 445,09      | 0,09           | 40,94       |
| Geral                     | 100,00         | 503,73      | 100,00         | 286,80      |

Fonte: Tabulações especiais baseadas nos microdados da PNAD 2005 (IBGE, 2006).

A menor discrepância de gênero de renda foi registrada entre os que trabalham em via ou área pública. Trata-se de uma diferença bem pequena, pois as mulheres nesta atividade trabalham apenas 28,6 horas por semana contra 40 horas dos homens, o que quer dizer na prática que a sua renda hora é maior. Neste tipo de local de trabalho a diferença de distribuição ocupacional mais marcante fica por conta da categoria de vendedor ambulante, que cobre 51,82% do total entre os homens, enquanto entre as mulheres atinge a elevada participação de 72,99%. Pode-se supor então que o fato de estar na rua mais como vendedora ambulante representa uma vantagem comparativa de distribuição ocupacional que atenua a desvantagem de renda para as mulheres.

<sup>4</sup> A condição de “dono no serviço de alimentação” registrada aqui, cuja existência decorre da presença de algum tipo de local de venda de alimentação e bebidas na residência da pessoa, corresponde a um componente do grupo ocupacional código 5134, formado de um agregado de títulos ocupacionais semelhantes, que recebe o título oficial de “Garçons, barmen e copeiros”. Este empreendimento não foi considerado como tendo um estabelecimento. A PNAD caracteriza um estabelecimento nos seguintes termos: “Considerou-se como tendo estabelecimento o empreendimento situado em local: a) que fosse apropriado especificamente para o exercício do trabalho ou para a administração ou gerenciamento das tarefas, internas ou externas; e b) com acesso independente para entrar e sair sem passar por locais de habitação (IBGE, 2006). O negócio possuiria um estabelecimento se fosse uma construção anexa à residência, apropriado para o exercício do trabalho, e acesso independente sem passar pela habitação.

Entretanto, é preciso ir além destes procedimentos de desagregação, pois na verdade se está ainda trabalhando basicamente com dados num grau menor de agregação. O presente estudo pretende focalizar um dos tipos ocupacionais mais tradicionais do trabalho precário — os vendedores ambulantes — e investigar no modo de organização e desempenho desta atividade como determinados condicionamentos, disposições e orientações podem contribuir para gerar discrepâncias de gênero de rendimentos. Este grupo tem uma representatividade significativa neste universo. Entre os homens que estão na categoria de trabalhador autônomo precário o grupo ocupacional de vendedor ambulante equivale a 13,34% dos casos e entre as mulheres representa 19,71%. Dentro do grupo ocupacional existe uma distância de renda de gênero de 46,5%, favorecendo o homem, o que viabiliza a sua eleição (ver Tabela 3). No Estado de Minas Gerais, onde foi concentrado o estudo empírico qualitativo, esta distância ascende a 69%. Espera-se que esta maior saliência facilite a focalização dos mecanismos geradores da diferença de gênero de renda. Ao escolher o estudo de um único tipo ocupacional, o vendedor ambulante, recorrendo a um pequeno número de entrevistas, as discrepâncias de resultados podem ficar menos nítidas, pois não se está trabalhando com diferenças médias de mais de 2800 de casos de ambulantes, como ocorre na PNAD de 2005, porém espera-se poder isolar ou delimitar melhor o “fator gênero” dos outros elementos que geram conseqüências para a renda. A questão da comparabilidade entre os grupos pode ser enfrentada melhor controlando as diferenças entre os grupos comparados (Rosenberg, 1996: 98). Neste caso, escolheu-se um tipo ocupacional mais homogêneo, de modo que os grupos se tornem semelhantes em vários aspectos, exceto um, a questão de gênero.

Pretende-se explorar algumas vantagens que um método qualitativo oferece para a abordagem dos processos que geram resultados agregados. Rosemary Crompton salienta que a análise da interação entre classe e gênero, colocada no centro da presente pesquisa, “requer um foco ao nível meso da estruturação ocupacional, organizacional, do domicílio e da família, isto é, nos processos de formação de classe e do mercado de trabalho, e não apenas na interação entre categorias de emprego e sexuais nominalmente definidas de modo isolado” (Crompton: 2000: 179). As divisões de gênero geram conseqüências no emprego e na renda através de determinados tipos de mecanismos sociais e culturais, tais como a aquisição de diferentes tipos de qualificações e credenciais, papéis familiares, aspirações de trabalho e familiares, discriminação e redes sociais, que podem ser iluminados através de uma metodologia qualitativa (Marini e Fan,

2001:745-747). Estabelecidos os padrões diferenciados que afloram das interseções e interações entre as variáveis classe e gênero, a pesquisa qualitativa entraria como uma forma de lançar luz sobre os mecanismos que explicariam as variações encontradas. Ao focalizar a pesquisa sociológica nas interações situacionais, em vez de ao nível mais macro, pode-se ajudar a entender como as desigualdades sociais e diferenças são ‘feitas’ na vida diária, ou, expresso de outro modo, como os sistemas de divisão social são manifestos entre as pessoas (*on the ground*) (Payne, 2000:252).

Optou-se por realizar um conjunto de entrevistas semi-estruturadas secundadas por observações colhidas no contexto da entrevista. O trabalho de campo foi conduzido de modo a tentar captar as dimensões ou características da atividade das pessoas em que se demarcaria ou insinuaria o atributo de gênero e que afetasse direta ou indiretamente o fluxo de renda da atividade. Os dados obtidos apresentam-se em três formas de tratamento distintas. As entrevistas e registros de observações de campo formam o material primário. Este material será analisado na forma em que ele se apresenta. Parte dele pode ajudar a retratar situações reveladoras dos processos, disposições ou orientações de ação que são postulados. Além disso, com base neste material, foi elaborado um quadro descritivo de informações relevantes sobre os ambulantes pesquisados. A composição deste quadro foi informada analiticamente pelos aspectos que poderiam contribuir para o entendimento do processo que gera as discrepâncias de renda de gênero. Este tratamento dos dados foi inspirado na metodologia malinowskiana para a elaboração um esboço da cultura nativa evidenciando sua constituição social, nomeada pelo autor de Método de Documentação Estatística por Evidência Concreta (Malinowski, 1978). O quadro serve de evidência de base que fundamenta um esforço de tipificação dos casos estudados <sup>5</sup>. A derivação de um quadro sintético de tipificações, feito em separado para homens e mulheres, representou um recurso para tentar visualizar a existência de padrões divergentes ao mostrar em que aspectos o quadro de uma categoria de gênero difere da outra. Dez dimensões foram priorizadas na composição dos quadros.

*Idade e tempo de atividade.* Idade representa um atributo influente que pode ser pensado e gerar implicações como coorte, grupo etário e geração. O significado sociológico da idade pode variar conforme o gênero. Gênero não equivale a um atributo estático no curso de vida, pois existem efeitos sociais diferenciados de gênero do

---

<sup>5</sup> O quadro pode ser obtido através de requisição enviada para José Alcides Figueiredo Santos, e-mail: josealcidesf@yahoo.com.br.

envelhecimento, que afetam os papéis, relações e identidades de homens e mulheres (Arber e Ginn, 2002). O tempo de atividade neste caso mostra a época em que a pessoa começou a trabalhar como ambulante e o montante da vida da pessoa em que ela se encontra engajada nesta atividade.

*Trajetória e experiência de trabalho.* A trajetória de trabalho remunerado anterior mostra o grau de conexão com o mundo do trabalho assalariado e o que a pessoa “trouxe” de experiência ao iniciar o trabalho ambulante. Existe também a ser considerada a trajetória de “carreira” como ambulante.

*Contexto influente no ingresso.* Trata-se do entendimento das circunstâncias que contribuíram para o ingresso da pessoa na atividade ambulante. Os fatores que levam homens e mulheres a se tornarem ambulantes podem ser diferentes. O modo de ingresso pode sinalizar diferenças de caminhos e resultados.

*Tempo de engajamento.* A questão do tempo dedicado à atividade tem importância. O montante absoluto da renda pode depender do tempo de trabalho. Sabe-se que as horas trabalhadas não se distribuem igualmente entre homens e mulheres.

*Situação legal e produto vendido.* O uso do espaço urbano é regulamentado pelo poder público, o que representa um constrangimento a ser considerado. O ambulante pode ser licenciado, pode ser um preposto de um licenciado ou trabalhar de modo irregular, exercendo a sua atividade em circunstâncias mais incertas, apenas toleradas ou mesmo em conflito com a autoridade fiscal e policial. Os ambulantes e suas possibilidades de ganho distinguem-se igualmente pelos tipos de produtos vendidos.

*Renda inferida e importância.* Elementos de preço médio dos produtos, gastos, montante de compras, margem de lucro e renda declarada foram usados para fazer uma inferência da renda, aferida através de uma escala ordinal de apenas três níveis: inferior, mediana e superior. Cabe saber o grau de importância da atividade como fonte de renda: única, principal ou secundária.

*Organização e economia familiar.* Situa-se neste item o tipo de organização familiar. Além disso, como a decisão de trabalhar não representa apenas uma escolha isolada, pois depende da economia familiar, levanta-se a existência de contribuição de outros membros para a renda familiar.

*Rede social.* Investiga-se a relevância do tecido de conexões sociais com que a pessoa conta, com ênfase em aspectos que possam envolver a autoridade reguladora da

atividade, o uso do espaço urbano, a disponibilidade de suportes e a constituição de clientela.

*Natureza e suporte.* A atividade pode ser meramente individual e isolada ou ter natureza coletiva envolvendo família ou sócio não familiar. A atividade sendo individual, o que é bastante comum, pode ter ou não suporte de outros membros da família.

*Trabalho reprodutivo.* Cabe saber o papel da pessoa no trabalho reprodutivo familiar (trabalho doméstico, alimentação, cuidados, criação dos filhos) que representa um aspecto crítico da divisão de gênero ao nível das relações familiares e de parentesco.

São apresentados o Quadro 1 de tipificações para as mulheres e o Quadro 2 para os homens. A análise destes quadros naturalmente não considera apenas as denominações das categorias. Recorreu-se igualmente ao quadro descritivo de informações relevantes, com certo nível de detalhamento, disponível através de requisição, e aos registros das entrevistas originais.

As mulheres que se dedicam à atividade ambulante na área central do município são predominantemente de meia idade. Esta característica prevalece claramente entre as ambulantes licenciadas ou prepostas, que possuem barraca padronizada, e entre as ambulantes que vendem bijuterias, que não são licenciadas, porém vendem os seus produtos sem maiores constrangimentos no turno noturno permitido pela fiscalização. Levantamento realizado numa das principais do centro da cidade, mostra que nas 22 barracas licenciadas ali presentes estavam como titulares sete mulheres de meia idade trabalhando sozinhas ou com ajuda de algum parente, exclusive o cônjuge, uma mulher de meia idade como empregada, três casais de meia idade, um deles mantido formalmente unido pelo negócio, e três senhoras mais velhas. Em apenas uma das barracas existia um casal mais jovem. Note-se que são ao todo nove mulheres trabalhando sem a presença de cônjuge no trabalho e provavelmente no domicílio. A presença de mulheres mais jovens entre as entrevistadas reportadas no Quadro 1 representa mais uma escolha para diversificar os tipos de mulheres a serem retratadas. Seria uma forma também de olhar do presente para frente, ou seja, as novas coortes de ambulantes que formarão o trabalho ambulante de amanhã. Este padrão de idade e familiar pode estar associado às circunstâncias e motivações de ingresso na atividade ambulante, analisada mais adiante, em que deixa de existir a presença conjugal masculina. Em decorrência da trajetória mais instável de relação com o trabalho remunerado, nesta coorte de mulheres, o trabalho ambulante pode apresentar-se como a



“opção viável” para ingresso e permanência. O encerramento do ciclo reprodutivo, o crescimento dos filhos e o suporte familiar dos elos de sangue, que prescindem da presença do cônjuge, podem ser fatores que compõem esta escolha e facilitam a sua viabilização.

**Quadro 1. Síntese de Tipificações Relevantes do Trabalho Ambulante Feminino**

| Entrevistado | Idade e Tempo da Atividade | Trajatória e experiência de trabalho   | Contexto influente no ingresso   | Tempo de engajamento | Situação legal e produto                    | Renda inferida e importância  | Organização e Economia familiar                      | Rede social        | Natureza e suporte                               | Trabalho reprodutivo          |
|--------------|----------------------------|--|--|----------------------|---|---|--|--------------------|--|-------------------------------|
| <b>Mag*</b>  | 57; 15                     | Experiência remunerada: acumulada<br><br>Experiência como ambulante: acumulada | Ruptura conjugal.  | Dois turnos.         | Não licenciada.<br><br>Bijuteria exclusivo. | Preço: médio<br>Compra: alta<br>Fonte: principal<br><br><b>RENDA INFERIDA: MEDIANA</b>  | Mãe e filhos adultos.<br><br>Renda separada.         | Restrita.          | Individual com suporte familiar residual ou sem. | Principal com ajuda restrita. |
| <b>Lol*</b>  | 46; 3                      | Experiência remunerada: restrita<br><br>Experiência como ambulante restrita    | Fim do ciclo reprodutivo e mudança do marido para outra cidade (a trabalho). | Turno permitido.     | Não licenciada.<br><br>Bijuteria exclusivo. | Preço: médio<br>Compra: baixa<br>Fonte: principal<br><br><b>RENDA INFERIDA: MEDIANA</b> | Casal filhos maiores de 14.<br><br>Renda do cônjuge. | Ponderável.        | Individual com suporte familiar parcial.         | Integral ou quase.            |
| <b>Com*</b>  | 45; 9                      | Experiência remunerada: restrita<br>Experiência como ambulante: restrita       | Rompimento familiar não conjugal.  | Dois turnos.         | Não licenciada.<br>Bijuteria dominante.     | Preço: baixo<br>Compra: baixa<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: INFERIOR</b>    | Casal sem filhos.<br>Renda do cônjuge.               | Débil              | Individual com suporte familiar residual ou sem. | Integral ou quase.            |
| <b>Mau*</b>  | 52;10                      | Experiência remunerada: restrita<br>Experiência                                | Ruptura conjugal.  | Dois turnos          | Não licenciada.<br>Bijuteria dominante.     | Preço: baixo<br>Compra: média<br>Fonte:   | Mãe e filha maior de 14.                             | <b>Inexistente</b> | Individual (tem um empregado)                    | Principal com ajuda.          |

|             |             |   |   |              |   |   |  |                       |                             |                               |
|-------------|-------------|---|---|--------------|---|---|--|-----------------------|-----------------------------|-------------------------------|
|             |             | como ambulante: acumulada   |   |              |   | principal<br><b>RENDA INFERIDA: MEDIANA</b>   |  |                       |                             |                               |
| <b>Jan*</b> | 28;1        | Experiência remunerada: restrita<br>Experiência como ambulante: restrita    | Incorporação à atividade do cônjuge                               | Dois turnos  | Não licenciado no principal e preposto no secundário.<br><br>Produtos Diversos. | Preço: alto<br>Compra: alta<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: SUPERIOR</b>        | Casal sem filhos.                                    | Ponderável (casal).   | Familiar.                   | Principal com ajuda restrita. |
| <b>Her*</b> | 33; 4 meses | Experiência remunerada: restrita<br>Experiência como ambulante: incipiente  | Insuficiência de renda familiar/<br>Incerteza quanto ao provedor. | Dois turnos. | Não licenciada.<br><br>Bijuteria dominante.                                     | Preço: médio<br>Compra: baixa<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: INFERIOR</b>      | Casal com filhos menores de 14.<br>Renda do cônjuge. | <b>Sem informação</b> | Parceria parentesco (irmã). | Principal com ajuda.          |
| <b>And*</b> | 41; 4 meses | Experiência remunerada: acumulada<br>Experiência como ambulante: incipiente | Incerteza econômica.  | Dois turnos. | Não licenciada.<br><br>Bijuteria dominante.                                     | Preço: médio<br>Compra: baixa<br>Fonte: secundária<br><br><b>RENDA INFERIDA: INFERIOR</b> | Mãe com filhos menores de 14.                        | Ponderável.           | Parceria parentesco (irmã). | Principal com ajuda.          |

|                      |             |  |   |                  |  |  |   |                |  |                       |
|----------------------|-------------|--|---|------------------|--|--|---|----------------|--|-----------------------|
| <b>Ren*</b>          | 27; 4 meses | Experiência remunerada: a cumulada<br>Experiência como ambulante: incipiente | Desemprego/ Sustento filho.                       | Dois turnos.     | Preposto Familiar.<br><br>Produtos diversos. | Preço: médio<br>Compra: média<br>Fonte: principal<br><br><b>RENDA INFERIDA: MEDIANA</b>  | Mora com pais e parentes.                                       | Relevante.     | Individual com suporte familiar residual ou sem. | Contribuição parcial. |
| <b>Adr*</b>          | 23; 5       | Sem experiência remunerada.<br>Experiência como ambulante: restrita          | Desemprego do cônjuge.                            | Turno permitido. | Não Licenciada.<br><br>Bijuteria dominante.  | Preço: baixo<br>Compra: média<br>Fonte: principal<br><br><b>RENDA INFERIDA: INFERIOR</b> | Casal e filho menor de 14.<br>Renda do cônjuge.                 | Restrita.      | Familiar.  | Principal com ajuda.  |
| <b>Maria da Con*</b> | 55; 10      | Experiência remunerada: acumulada<br>Experiência como ambulante: acumulada   | Desemprego e idade.                               | Dois turnos.     | Não licenciada.<br>Produtos: “marcas”        | Preço: médio<br>Compra: alta ?<br>Fonte: única.<br><br><b>RENDA INFERIDA: MEDIANA</b>    | Mãe com filhos adultos.<br><br>Renda repartida: filhos e genro. | Sem informação | Familiar.  | Compartilhado         |
| <b>Ana</b>           | 54; 24      | Sem experiência remunerada<br>Experiência como ambulante: acumulada          | Falência do marido, sustento dos filhos (remoto). | Dois turnos.     | Licenciada.<br><br>Produto: diversos.        | Preço: médio<br>Compra: alta<br>Fonte: única.<br><br><b>RENDA INFERIDA: SUPERIOR</b>     | Mãe com neto menor de 14.                                       | Ponderável     | Individual.                                      | Compartilhado         |

|             |        |  |                       |                  |  |   |   |           |             |                               |
|-------------|--------|--|-----------------------|------------------|--|---|---|-----------|-------------|-------------------------------|
| <b>Luc*</b> | 33; 10 | Experiência remunerada: restrita<br>Experiência como ambulante: acumulada  | Desemprego.           | Dois turnos.     | Preposta “empregada” da mãe (renda fixa).<br><br>Produto: diversos | Preço: médio<br>Compra: alta<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: INFERIOR</b> | Casal com filhos maiores.<br><br>Renda repartida: marido. | Restrita. | Individual. | Compartilhado                 |
| <b>Edn*</b> | 38;11  | Experiência remunerada: restrita<br>Experiência como ambulante: acumulada  | Desemprego.           | Turno permitido. | Não licenciada.<br>Produtos diversos.                              | Preço: baixo<br>Compra: média<br>Fonte: única<br><br>RENDA INFERIDA: MEDIANA        | Casal com filho menor de 14.                              | Restrita. | Individual. | Principal com ajuda restrita. |
| <b>Naz*</b> | 44; 10 | Experiência remunerada: acumulada<br>Experiência como ambulante: acumulada | Desemprego do marido. | Turno permitido. | Não licenciada.<br>Produtos diversos.                              | Preço: baixo<br>Compra: baixa<br>Fonte: única<br><br>RENDA INFERIDA: INFERIOR       | Casal com filhos maiores.<br><br>Renda do conjuge.        | Restrita. | Individual. | Compartilhado                 |

**Quadro 2. Síntese de Tipificações Relevantes do Trabalho Ambulante Masculino**

| Entrevistado            | Idade e Tempo da Atividade | Trajatória e experiência de trabalho   | Contexto influente no ingresso       | Tempo de engajamento | Situação legal e produto  | Renda inferida e importância  | Organização e Economia familiar                                    | Rede social | Natureza e suporte      | Trabalho reprodutivo        |
|-------------------------|----------------------------|--|--------------------------------------|----------------------|---|---|--|-------------|-------------------------|-----------------------------|
| <b>Herc*</b>            | 28; 1                      | Experiência remunerada: restrita<br><br>Experiência como ambulante: restrita                 | Desemprego.                          | Três turnos.         | Não licenciado no principal e preposto no secundário.<br><br>Produtos Diversos. | Preço: alto<br>Compra: alta<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: SUPERIOR</b>  | Casal sem filhos.  | Ponderável. | Familiar.               | Sem Contribuição.           |
| <b>Paulo (das Fon*)</b> | 49;15                      | Experiência remunerada: Restrita<br>Experiência como ambulante: acumulada                    | Sustento dos filhos.                 | Dois turnos.         | Licenciado.<br><br>Produtos diversos.   | Preço: alto<br>Compra: média<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: SUPERIOR</b> | Casal com filhos maiores.<br><br>Renda de dois parentes agregados. | Relevante.  | Individual sem suporte. | Sem contribuição.           |
| <b>Sin*</b>             | 55;28                      | Experiência remunerada: débil (contexto remoto)<br><br>Experiência como ambulante: acumulada | Migração do campo (contexto remoto). | Dois turnos.         | Licenciado.<br><br>Produto diversos.  | Preço: alto<br>Compra: alta<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: SUPERIOR</b>  | Unipessoal.  | Relevante.  | Individual sem suporte. | Não se aplica (unipessoal). |

|                  |             |  |                           |                  |   |  |   |             |  |                             |
|------------------|-------------|--|---------------------------|------------------|---|--|---|-------------|--|-----------------------------|
| <b>Wil*</b>      | 50;10       | Experiência remunerada: acumulada<br><br>Experiência como ambulante: acumulada | Desemprego.               | Turno permitido. | Não licenciado.<br><br>Produto: artesanato e incenso. | Preço: médio.<br>Compra: média<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: MEDIANA</b>     | Casal com filhos maiores de 14.<br><br>Membros com renda separada: filhos | Relevante.  | Individual com suporte residual ou sem.  | Sem contribuição.           |
| <b>José Nai*</b> | 58; 26      | Experiência remunerada: Débil<br><br>Experiência como ambulante: acumulada     | Deficiente físico.        | Dois turnos.     | Licenciado.<br><br>Produto: bijuteria dominante       | Preço: baixo<br>Compra: baixa<br>Fonte: principal<br><br><b>RENDA INFERIDA: INFERIOR</b> | Casal com filhos maiores de 14.   | Restrita.   | Individual (trabalho em comissão).       | Sem contribuição.           |
| <b>Andr*</b>     | 19; 3 meses | Experiência remunerada: débil<br><br>Experiência como ambulante: incipiente    | Independência financeira. | Dois turnos.     | Preposto familiar.<br><br>Produtos diversos.          | Preço: médio<br>Compra: baixa<br>Fonte: única<br><br><b>RENDA INFERIDA: MEDIANA</b>      | Mora com os pais.<br><br>Membros com renda separada.                      | Ponderável. | Individual com suporte familiar parcial. | Contribuição parcial.       |
| <b>Jhon*</b>     | 25; 5       | Experiência remunerada: acumulada<br>Experiência como ambulante: acumulada     | Desemprego.               | Dois turnos.     | Preposto não familiar.<br><br>Produtos diversos.      | Preço: médio<br>Compra: alta<br>Fonte: única.<br><br><b>RENDA INFERIDA: SUPERIOR</b>     | Unipessoal.   | Ponderável. | Individual com suporte residual ou sem.  | Não se aplica (unipessoal). |

Supõe-se que na maioria dos casos o trabalho ambulante não foi antecedido por uma ampla e diversificada experiência de trabalho remunerado da pessoa. Quem tem esta trajetória teve mais chances escapar do trabalho na rua. Entre os homens encontram-se mais casos daqueles que tiveram um acúmulo de experiência de trabalho remunerado, embora vários deles estejam como ambulantes há muito tempo. Entre as mulheres predomina uma experiência restrita de trabalho remunerado. Na experiência de “carreira” como ambulante constata-se também uma discrepância de gênero. Metade das mulheres entrevistadas revela um acúmulo de experiência, porém na metade restante predominam experiências restritas ou incipientes no ramo. Já na grande maioria dos homens (cinco em sete casos) o padrão pende incisivamente para o acúmulo de experiência. Experiência na atividade ambulante quer dizer ter variado de produtos e arranjos, ter maleabilidade de mudar, aprender a comprar e saber investir no que dá retorno, e contar com algum nível de recurso acumulado no curso dos anos, qualquer que seja a forma. Ao olhar para a vivência concreta das pessoas as mulheres saem-se positivamente no quesito de experiência “aprender a comprar e saber investir no que dá retorno”, porém ostentam menos maleabilidade para variar de produtos e arranjos, assim como menor acúmulo de recursos no curto do tempo. O passado ajuda a entender a trajetória que conduz à posição atual, no entanto, a renda deriva da atividade presente. Esta menor experiência de “carreira” das mulheres como ambulantes contribui para compreender a renda relativamente menor que obtém.

Sobressaem como fatores influentes de ingresso das mulheres na atividade ambulante processos afins referentes à dissolução da união conjugal, incerteza face ao provedor masculino ou a efetiva interrupção do provimento masculino devido ao desemprego, a necessidade de garantir o sustento da prole, face à ausência do provedor masculino, e mesmo o drama do desemprego vivo pela mulher já mais velha. A afinidade entre estes processos já seria em si bastante eloqüente da influência desses elementos de gênero e parentesco na trajetória das mulheres. Os relatos das mulheres que ingressaram na atividade ambulante dão um sentido mais vívido ao processo cujo papel se quer entender.

D. Mau\* disse que há 11 anos está separada e há 10 está trabalhando como ambulante. “Comecei com muita coragem, e primeiro eu tenho que agradecer a Deus por estar aqui. (...) (Se mostra muito feliz e orgulhosa). Eu tenho que agradecer a Deus,



por que eu não posso trabalhar em outro lugar, não tenho estudo e não consigo fazer mais nada por causa das doenças, da artrose”.

Mag\*, 57 anos, separada, relata com um tom de irritação que foi casada 15 anos com um empresário. Antes de ser ambulante diz “eu trabalhei 14 anos na prefeitura, 7 anos na dívida ativa e depois me transferiram para a escola e eu fiquei mais 7 anos ... é que eu fiz Magistério... aí eu pedi demissão (...) Aí meu marido tinha uma firma de informática, onde eu fui trabalhar com ele, uma em BH e outra em SP, depois da minha demissão ... só que essas firmas quebraram por falta de organização dele [muito irritada]. Aí que eu comecei com artesanato, com os arranjos de flor. Na Pracinha do São Mateus. Eu sou muito habilidosa, sabe?”.

Ana, 54 anos, há 24 como ambulante, contou que seu ex-marido, do qual está separada há 20 anos, era “empresário no ramo de mesa e banho”. Nesta época Ana disse que era “dondoca”, não precisava trabalhar. Mas que ele perdeu tudo no jogo. Tinha uma amiga ambulante que a incentivou a montar uma barraca, por conta própria, pois não tinha saída, com dois filhos pequenos para criar, sem estudos e sem trabalho, e desta forma começou sozinha no ramo.

And\* tem 41 anos e começou a atividade ambulante há poucos meses. Ela é divorciada há 13, tem dois filhos, um menino de 13 e uma menina de 14 anos. Trabalha para uma fábrica, mas está afastada há 2 anos e 8 meses, porque tem tendinite nos dois braços. Recebe 450 reais do INSS, mais 120 reais da pensão dos filhos, “mas só com isso não dá”. Já fez faxina e também já vendeu bombons, também com a irmã Hercília. O ex-marido, conta, costuma abandonar os empregos sempre que ela pede revisão da pensão. Os filhos de Andréa dividem com ela as tarefas da casa e, às vezes, ajudam na banca.

Retratado o quadro influente da dissolução conjugal, resta saber, no entanto, qual a relação disso, mesmo que indireta, com a questão da distância de gênero de renda. Sabe-se que o domicílio não tem um papel de estratificação constante, pois pode reforçar o privilégio ou a pobreza, a depender do contexto de classe. Quando o lar se desintegra, a mulher e os filhos sofrem mais. A dissolução da união conjugal representa um ônus forte para a mulher (Crompton e Mann, 1998: xviii). O ingresso na atividade em um quadro de dificuldades de várias ordens deixa marcas na trajetória realizada e isto pode levar um bom tempo para ser superado. O período levado para reverter esta situação de partida deve ser relevante, considerando que se trata de uma atividade em que não existem barreiras de entrada mais fortes, ou seja, onde existe grande

competitividade, cuja renda potencial flutua conforme as oscilações da demanda, e em que deve ser mais vagaroso o eventual acúmulo de recursos, experiências e relações favoráveis.

A fragilidade dos laços conjugais têm sido ressaltada pela literatura que conjuga o estudo do parentesco com papéis sexuais na sociedade brasileira desde o final da década de 80. Apesar de enfoques teóricos distintos e algumas diferenças interpretativas as análises partem da constatação de diferentes formas de organização familiar na sociedade brasileira. Remarcam que um contexto de precariedade econômica, de Estado descentralizado e de trabalho infantil propicia nos grupos de baixa renda um formato familiar menos centrado nas relações de aliança que nas de afinidade, contrastando com o modelo das classes médias intelectualizadas (Fonseca, 1987; Duarte, 1986). A família de tais grupos se estrutura contando com uma rede extensa de parentes, onde as relações consensuais são, em geral de curta duração, com os homens provedores mantendo-se pouco tempo nas unidades domésticas e onde a administração doméstica erige a figura da Mulher-Chefe-Família (Barroso, 1978). Este tipo de organização familiar, no entanto, parece assentar-se em representações sociais de que as relações familiares pautam-se em um padrão de reciprocidade e hierarquia, onde os papéis sexuais são complementares, cabendo ao homem o provimento do lar e à mulher a garantia da honra e do cuidado da casa e dos filhos (Sarti, 1996). Embora a família apareça neste contexto como um valor (Duarte, 1986), ideologicamente ela é um assunto das mulheres. Quando das rupturas conjugais, se os filhos não ficam inteiramente sob a tutela materna, são as mulheres, parentes do pai, que assumem o sustento e a manutenção da identidade familiar paterna (Fonseca, 1987).

Segundo Woortman, a distância entre o modelo ideal e a realidade dos papéis sexuais não seriam fruto de uma ambigüidade ou paradoxo, mas tratar-se-iam de interações “manipuladas conscientemente, de dois níveis do sistema ideológico: um modelo ‘ideal’ correspondendo de perto à cultura dominante, e um modelo adaptativo, emergente da práxis quotidiana dos pobres” (1987: 12). Entretanto muitos estudos históricos, como o trabalho de Sâmara (1989), indicam que este modelo familiar já se fazia presente em muitos lares pobres brasileiros já no século XIX. Em seu estudo sobre a família na capitania de São Paulo a autora indica que no censo de 1836 encontram-se 40% dos fogos chefiados por mulheres. Diante de dados históricos e etnográficos das organizações matrifocais, pode-se vir a questionar qual seria a distância entre estratégias de sobrevivência e tradições culturais, pautadas em outros critérios de organização

social, e de refletir quais são suas conseqüências na interação em uma sociedade complexa.

Tabela 2. Distribuição percentual da categoria de autônomo precário e do grupo de ambulantes, de homens e mulheres, mais média de horas de trabalho por semana, segundo as faixas de horas de trabalho  
Brasil, 2005

| Faixas de horas de trabalho (100%) | Autônomo precário |        |        | Ambulante |        |        |
|------------------------------------|-------------------|--------|--------|-----------|--------|--------|
|                                    | Homem             | Mulher | Geral  | Homem     | Mulher | Geral  |
| 1 a 29 horas                       | 15,77             | 55,88  | 33,54  | 19,93     | 58,86  | 40,82  |
| 30 a 39 horas                      | 10,40             | 15,86  | 12,82  | 15,34     | 15,59  | 15,48  |
| 40 a 49 horas                      | 49,63             | 17,09  | 35,22  | 33,33     | 17,08  | 24,60  |
| 50 e mais horas                    | 24,20             | 11,16  | 18,42  | 31,41     | 8,47   | 19,10  |
| Total                              | 100,00            | 100,00 | 100,00 | 100,00    | 100,00 | 100,00 |
| Média de horas                     | 41,75             | 27,63  | 35,54  | 41,77     | 26,40  | 33,52  |

Fonte: Tabulações especiais baseadas nos microdados da PNAD 2005 (IBGE, 2006).

A literatura sociológica aponta que a renda obtida em um empreendimento autônomo depende de um maior engajamento em termos de tempo de trabalho. O investimento de um esforço extra de trabalho aparece como uma escolha compensadora e mesmo intrínseca à garantida da sobrevivência da atividade. Esta questão faz com que pesquisadores realcem que as horas trabalhadas representam um elemento endógeno ao processo de determinação de renda desta atividade (Portes e Zhou: 221). Entretanto, os dados da Tabela 2 mostram que tanto no conjunto da categoria de classe de trabalhador autônomo precário como no grupo ocupacional de ambulantes as pessoas trabalham em média próximo de 35 horas por semana. Embora as mulheres puxem esta média para baixo, os homens trabalham em torno de 42 horas, o que corresponde ainda assim a uma jornada inferior ao trabalhador assalariado típico e mesmo ao trabalhador assalariado elementar. Estes dados sugerem a predominância na atividade autônoma precária de uma lógica diferente daquela que existe em um empreendimento por conta própria, porém dotado de ativos. A precariedade deste tipo de atividade parece revelar-se igualmente na dificuldade de obter um retorno compensador que justifique a aplicação de um esforço extra de trabalho. Um leque de fatores deve ser considerado. Ao trabalhar mais a pessoa naturalmente ganha mais, porém o quadro registrado sugere que a remuneração de horas adicionais de trabalho pode se fazer a taxas cada vez mais reduzidas, o que diminui o incentivo para trabalhar mais. Cabe atentar igualmente para a operação de

constrangimentos que afetam a própria possibilidade de escolha de uma dedicação maior ao trabalho. Veja-se o caso dos ambulantes. Estes nem sempre podem estar na rua na hora em que querem e nem sempre compensa estar num local desvantajoso, embora mais acessível. Quanto mais atrativo o espaço urbano, com maior densidade e circulação populacional, maior tende a ser o movimento de ingresso de ambulantes e a sua concentração em tal espaço, assim como mais forte a ação reguladora e fiscalizadora do poder público. Por fim, a eventual constituição de disposições que poderiam estar enfraquecendo a motivação de obter renda através do trabalho pessoal também não deve ser descartada.

Os dados revelam a existência de uma demarcação de gênero de horas trabalhadas muito forte no trabalho autônomo precário. Na categoria de trabalhador autônomo precário a mulher trabalha em média 14,12 horas a menos por semana que o homem. Já a discrepância entre os ambulantes ascende a 15,37 horas por semana. Esta divergência de gênero em engajamento no trabalho mostra-se muito superior à encontrada no trabalho assalariado. A relação de emprego regulada tende a padronizar a exigência e a restringir a escolha das horas trabalhadas. Além disso, apresenta-se como menos comum no país o contrato de tempo de trabalho parcial, que poderia estimular a divergência de gênero em horas de trabalho <sup>6</sup>.

As entrevistas realizadas com mulheres revelam os fatores que constroem o tempo disponível para o trabalho. As mulheres no geral moram com filhos, sejam menores ou maiores de 14 anos, e tem a responsabilidade integral ou principal no trabalho reprodutivo. No conjunto dos entrevistados percebe-se que as mulheres no geral trabalham dois turnos, mas possuem uma maior incidência daquelas que trabalham apenas o turno permitido, no período noturno, quando a fiscalização libera as áreas centrais. Entre os homens foi registrado apenas um caso, o do ambulante Wilmar, que trabalha apenas no horário permitido. Parece revelador que uma ambulante que apresenta uma renda inferior superior realiza a atividade junto com o marido e ambos formam um casal mais jovem sem filhos.

A enorme desproporção das horas trabalhadas entre homens e mulheres tanto na categoria de trabalhador autônomo precário como no grupo ocupacional de ambulantes pode fazer supor que grande parte do *gap* de renda, ou mesmo todo ele, decorreria das escolhas e constrangimentos de gênero que afetam o engajamento no trabalho. O uso da

---

<sup>6</sup> Entre os trabalhadores típicos os homens trabalham 45 horas e as mulheres 40,9 horas no trabalho principal. Entre os trabalhadores elementares as horas de trabalho são de 44,2 para os homens e de 38,2 para as mulheres.

taxa de rendimento horário, formada pelo rendimento mensal dividido pelas horas trabalhadas, supostamente comprovaria esta idéia e colocaria o centro da investigação no entendimento das diferenças de gênero de horas trabalhadas. Entretanto, o uso da taxa de rendimento horário, supõe a existência de uma taxa de rendimento constante, que independe do número de horas trabalhadas. Nesta lógica, tudo o mais sendo igual, uma pessoa trabalhando 40 horas por semana receberia o equivalente exato a duas vezes mais a recompensa de uma pessoa trabalhando 20 horas por semana. As recompensas recebidas por homens e mulheres em determinado período podem não ser para ambos uma simples função linear das horas trabalhadas. Embora o rendimento aumente com as horas trabalhadas, isso pode ocorrer a uma taxa variável e mesmo decrescente, dependendo da faixa de horas que são trabalhadas e de determinadas circunstâncias que afetam as relações de trabalho e de mercado (Morgan e Arthur, 2005: 396-8). Quando se considera sem uma demonstração prévia, que a taxa de rendimento é constante em todo o espectro de horas trabalhadas, uma parte maior do *gap* pode ser artificialmente atribuída às diferenças de horas trabalhadas. O estudo para o Brasil utilizado como referência neste trabalho mostrou que quando o efeito das horas é constrangido a ser uma constante infla-se artificialmente o retorno para as horas em faixas de horas de trabalho em que este retorno relativo na verdade seria menor e onde os homens estão mais concentrados. Na medida em que a mulher trabalhe em faixas de horas que possuem uma taxa relativa de rendimento maior, embora recebendo um rendimento absoluto geral menor, como de fato parece ocorrer no país, isso quer dizer que na verdade uma parte *menor* do *gap* de gênero deve ser atribuída ao nível menor de horas trabalhadas pelas mulheres (Figueiredo Santos, 2007).

A existência e a dimensão da distância de renda entre categorias sociais contratadas deve ser estimada com dados amostrais estatisticamente representativos e modelo estatístico adequado. Como a renda depende de múltiplos fatores, apenas um modelo com múltiplas variáveis, que estão associadas ao gênero e a renda, pode delimitar o efeito específico de pertencer a uma categoria social em vez de outra. O trabalho atual toma como referência que alimenta esta incursão qualitativa no mundo dos atores o *gap* de gênero de renda estimado através de um modelo estatístico que evita a sua subestimação. Este modelo mostra-se mais adequado ao estimar o efeito específico das horas trabalhadas e permitir que a relação entre o rendimento e a hora trabalhada varie para cada faixa de horas trabalhadas (Figueiredo Santos, 2007). A pesquisa qualitativa revela aqui o seu melhor potencial ao contribuir para a elaboração

de narrativas explicativas que dão sentido aos padrões constatados e estabelecidos previamente pelo modelo estatístico.

Existe uma diferenciação de gênero em relação aos produtos vendidos. Muitas mulheres optam por vender bijuterias como o produto exclusivo ou dominante exposto em suas bancas. A venda de bijuterias evita problemas com a fiscalização, pois passa por atividade artesanal. Jan\* lembra que na primeira semana em que ela e o marido Herc\* vieram para o ponto onde estão foram denunciados para a fiscalização. Foram abordados, mas os fiscais “viram que era bijuteria e não levaram nada... falaram que bijuteria pode”. Disse que pode colocar somente os produtos mais simples: “um boné, por exemplo, com etiquetas, coisa bem parecida com o original e de primeira, não pode ser exposto aqui sabe? Bolsa também não... eu guardo algumas aqui dentro (aponta para a parte debaixo da banca que é fechada) e o pessoal encomenda comigo à noite, ou alguns já conhecem a gente, aí eu vendo... mas colocar aqui nem pensar”.

As ambulantes que fazem a opção pela bijuteria consideram que existe uma demanda constante por este tipo do produto. Adr\* lembra que no começo como ambulante, há cinco anos, vendia produtos “infantis” (pulseiras, prendedores de cabelos com bichinhos, etc), mas logo viu que o que mais vendia era bijuteria. Diz que passou a vender bijus porque, além de ser mais barato, “na época a fiscalização era pior, não podia vender outras coisas, tipo bolsa, carteira, nem anel”. Fala que ela e marido já pensaram em mudar de produto. “Já pensei em vender bolsa, só bolsa, mas tenho medo porque é caro, aí pode não vender”. O marido já quis vender roupas esportivas e Adriana chegou a ir a SP para comprar, mas conta que, quando já estava lá, o marido telefonou e disse a ela que não comprasse, porque naquele mesmo dia a fiscalização tinha recolhido todos os produtos de um outro ambulante que vendia roupas ali mesmo no calçadão.

A ambulante Lol\* lembra que antes “vendia bijuterias e caixas, baús, bolsas... Só que a saída com biju é maior, por isso hoje eu vendo só bijuteria. Não compensa ficar carregando peso com coisa que não adianta, não vende”.

As irmãs Her\* e And\*, que moram em casas separadas, iniciaram há pouco uma atividade ambulante como uma parceria familiar. Bijuteria é o produto dominante da barraca. Quando perguntadas sobre o porquê de terem optado por vender os produtos que vendem, dizem que “biju é mais fácil de vender, os outros produtos são muito caros, podem empacar.” Perguntamos também se já pensaram em fazer como Esb\*, uma outra irmã que não trabalha como ambulante na rua e tem uma atividade mais arriscada.

Elas acham que para escolher o caminho da outra irmã “tem que ter jeito pra coisa.” Dizem que “Esb\* é virona, faz dinheiro rápido, porque tem muitos conhecidos”. Andréa conta que Esbelta “faz dinheiro porque é um bazar ambulante” e que “ela vende CD e DVD pra policial (...) vai nas bocas... já falei que um dia ainda pegam ela, aí até explicar que ela não tem nada a ver com aquilo...”, mas comentam também que “mas homem é que é mais visado né?”

Nestes depoimentos percebe-se claramente que a opção de trabalhar com bijuteria está associada com uma orientação de aversão ao risco. Diminui-se a possibilidade de conflito com a fiscalização e o perigo de perda decorrente da apreensão de mercadorias. A venda de mercadorias de maior valor pode não ter saída e tornar mais incerta a entrada de dinheiro. A pessoa corre o risco de ficar sem dinheiro suficiente para a sua subsistência naquele mês. Além disso, existe o problema da perda do valor do produto, por deterioração, já que a mercadoria não está adequadamente armazenada.

Existe um preço a pagar por essa aversão ao risco. Bijuteria tem um preço médio mais baixo, o que dá um ganho menor por unidade vendida. O ganho menor por unidade pode não ser compensado pela venda de um montante maior de unidades. O comércio regular vende bijuterias a preços relativamente baixos. Existem muitas mulheres que vendem bijuterias através de outros canais que não a rua, como o domicílio onde moram ou do cliente e o local de trabalho. Na atividade ambulante conduzida por mulheres na área central de Juiz de Fora domina amplamente a venda de bijuterias. Diante deste quadro geral se pode considerar a existência de um processo de amontoamento de mulheres nesta atividade. A idéia de amontoamento foi desenvolvida para explicar no mercado de trabalho a depreciação da taxa de salário em empregos ocupados majoritariamente por determinados grupos em desvantagem. Este enfoque considera que a concentração de certos grupos, como as mulheres, em determinados tipos de empregos, gera como consequência uma oferta excedente em relação à demanda por estes serviços, o que deprime a taxa de salário dessas ocupações, quaisquer que sejam as razões que tenham levado ao amontoamento (Blau *et alii*, 1998: 207-211). Na atividade ambulante se está diante de um mercado de produtos e não de trabalho. Entretanto, pode ser feito este paralelo, pois o amontoamento gera uma oferta excedente do produto, constrange o preço médio e diminui o volume de venda por ambulante. Este problema de fundo aparece claramente na entrevista com uma ambulante. Andréa diz que está “esperando uma vaga” para entrar para a associação de artesãos. Contou que o último cadastramento aconteceu há dez anos, mas que agora está para acontecer outro,

principalmente por causa de ambulantes que só vão aos sábados e que colocam preços muito mais baixos do que aqueles dos ambulantes que estão ali a semana toda. Diz, no entanto, que não sabe se vai conseguir se cadastrar porque a presidente da associação de artesãos vende bijuterias, o mesmo produto que Andréa. “Aí ela não vai querer mais concorrência, né?”, diz.

A ambulante Maria da Com\*, 55 anos, que tem um empreendimento familiar com o filho, percebeu o problema das bijuterias e tomou a decisão de mudar. Maria já falou que também já vendeu bijuterias: “mas aí todo mundo começou a vender, eu parei e passei pra esse tipo aqui hoje”. A banca vende camisas de malha, boné e relógios. Ao ser comentada com ela a dificuldade de se entrevistar ambulantes com aquele tipo de produto, Maria disse: “é por que a gente trabalha com risco, né? Ai geralmente eles ficam com medo. Mas eu não tenho medo de nada não”. Note-se que ela trabalha com o filho adulto, o que pode ter influenciado na estratégia escolhida.

Parece revelador que o principal caso de entrevistado que trabalhe com bijuteria seja um senhor (58 anos) já aposentado e deficiente físico. Ao ser perguntado se o que ele mais havia vendido na vida como camelô eram bijuterias, entrevistado concordou. Ao ser questionado diretamente “por que bijuterias?”. O Sr. José Nai\* afirmou que “como as mulheres compram mais do que os homens o produto feminino sai mais rápido”. Este ambulante, embora tenha o ponto, trabalha recebendo em comissão (25%) de parte de proprietário fornecedor exclusivo de todas as bijuterias que vende em sua banca. O padrão de renda inferida dele foi considerado inferior, o que converge com a avaliação similar feita para as mulheres. A grande maioria das mulheres ambulantes entrevistadas para as quais a bijuteria é o produto exclusivo ou dominante de venda revelam uma renda inferida inferior ou mediana.

A despeito dos cálculos e estratégias de venda, de retorno e de menor ou maior risco observados na escolha das mercadorias a serem vendidas pelos ambulantes estudados aqui, não é de se desprezar o valor simbólico embutido nas representações de gênero. Segundo Marilyn Strathern, as distinções de gênero representam “aquelas categorizações de pessoas, artefatos, eventos, seqüências (...) que se fundamentam em imagéticas sexuais — nas maneiras pelas quais a nitidez das características masculinas e femininas torna concretas as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais” (2006: 20). Dessa forma são categorias simbólicas acionadas tanto pelos ambulantes como pelos consumidores para definir o que se admite como lógica feminina ou masculina. Os produtos e o tipo de exposição de risco vêm embutidos dessa



imagética sexual (Motta, Machado e Lima, 2006 e Brandão, 2007). Ganhar menos e mais devagar, mas manter-se com os pés no chão, obter não o máximo, mas o possível para manter a prole, o aluguel, etc, diferenciam as experiências masculinas das femininas.

Os dados nacionais mostram, como foi revelado na Tabela 1, que o trabalho na rua se associa a uma menor desvantagem de renda para a mulher. Na rua 73% das mulheres estão como ambulantes, enquanto o homem pode ser, por exemplo, um carregador de carga, trabalho mais mal remunerado. Entretanto, os dados para o Estado de Minas Gerais, onde foi realizada a pesquisa qualitativa, não confirmam este padrão nacional, pois o homem registra uma renda média de 330,50 reais contra 240,15 reais da mulher, o que gera uma vantagem significativa de 37,6% para o homem. Supõe-se que a realidade de um Estado, como Minas Gerais, seja menos diversificada que o conjunto do país, porém os dados são menos precisos, pois se realiza uma forte desagregação de uma amostra menor <sup>7</sup>. De qualquer modo, a força massiva da escolha feminina, mostra que existe uma racionalidade que leva a mulher a escolher a ocupação de ambulante, ao ter que trabalhar na rua. Entretanto, ao trabalhar como ambulante, sofre uma desvantagem de renda, devido às circunstâncias em que se encontra e ao modo com desenvolve esta atividade.

Os dados agregados mostrados na Tabela 3 sobre a discrepância de gênero de renda a favor dos homens são bastante claros. Existe uma distância de gênero de renda absoluta de 46,5% no país, embora esta varie de 33% a 81% entre as diferentes regiões. A pesquisa qualitativa parte deste fato sólido. Parte relevante da entrevista foi consagrada ao levantamento de indicadores dos elementos econômicos que caracterizam a atividade. Foi então feita uma inferência da renda dos ambulantes usando uma escala ordinal de apenas três níveis: renda superior, mediana e inferior <sup>8</sup>. Não seria pertinente pensar nesta parte do estudo na utilização de um nível de mensuração intervalar e nem em estimar médias ou proporções. Não teria sentido usar a pesquisa qualitativa para fazer uma replicação ou confirmação dos dados agregados, mas cabia evitar o uso de casos muito discrepantes da assimetria de renda constatada, pois poderiam não ser bons

---

<sup>7</sup> Ao trabalhar com esta subdivisão a estimativa é bem menos precisa e tem um intervalo de confiança muito amplo. A renda do trabalhador precário homem, cujo local de trabalho é a rua, na verdade tem 95% de chance de estar situada entre 290,51 e 370,49 reais. Já a renda da mulher na mesma situação está compreendida no intervalo de 197,43 a 282,87 reais. Note-se que o intervalo superior da mulher está próximo do intervalo inferior do homem.

<sup>8</sup> Na inferência da renda foram usados critérios como preço médio, montante de compra, renda declarada, turnos de trabalho e dimensão da barraca.

casos para o estudo dos mecanismos. Os Quadros de tipificações mostram as discrepâncias de renda esperadas. Existem mais homens particularmente com renda inferida superior. As mulheres mostram padrões de renda mediana e inferior. O papel dos Quadros deve ser justamente este de revelar traços ou padrões dominantes.

Tabela 3. Renda média do trabalho principal dos ambulantes que trabalham por conta própria, homens, mulheres e total, segunda a região, e *gap* a favor do homem Brasil, 2005.

| Região       | Homem  | Mulher | Total  | Gap   |
|--------------|--------|--------|--------|-------|
| Sudeste      | 537,33 | 387,54 | 459,24 | 38,65 |
| Sul          | 618,61 | 341,07 | 456,32 | 81,37 |
| Nordeste     | 319,24 | 217,01 | 262,48 | 47,11 |
| Centro-oeste | 617,19 | 393,20 | 493,25 | 53,97 |
| Norte        | 433,14 | 323,66 | 380,24 | 33,82 |
| Brasil       | 452,41 | 308,76 | 375,27 | 46,52 |

Fonte: Tabulações especiais baseadas nos microdados da PNAD 2005 (IBGE, 2006)

Entre os homens entrevistados na grande maioria dos casos a atividade ambulante representa a fonte única de renda. Já entre as mulheres ela forma a principal, mas não a única origem de renda. Na se trata aqui de referência à renda familiar, como a renda do cônjuge, mas da existência mesma de outra fonte de renda, como bolsa família, pensão e outro trabalho.

Os homens manifestaram dois tipos básicos que ostentam êxito econômico como ambulantes. Existem homens que, estando há muito tempo na atividade, fizeram certo nível de acúmulo de recursos, experiências e relações. Um outro tipo, menos comum hoje, seria de homens mais jovens, solteiros ou sem filhos, que usam para deslanchar o negócio a sua capacidade de arregimentar pontos de venda, através do seu aluguel, e uma atitude mais agressiva e menos avessa ao risco. Supõe-se que para estes só teria sentido estar como ambulantes dessa maneira. Como as licenças de barracas oficiais foram concedidas há bastante tempo esta coorte de homens mais jovens precisa conseguir o ponto pelo dinheiro, virando preposto não familiar do seu titular, e batalhar também por algum ponto não licenciado, porém tolerado pela fiscalização ou exercido em horário permitido. Cabe ponderar, no entanto, que não formam entrevistados homens que trabalham predominantemente com produtos visados pela fiscalização, como os importados contrabandeados e os produtos de “marcas” falsificadas, nem

aqueles mais jovens que trabalham com produtos de baixo retorno, como os CDs piratas.

O desempenho econômico da atividade de ambulante pode depender, de modo indireto, da capacidade de estabelecer conexões sociais ou se inserir em redes sociais já existentes. O acesso ao espaço urbano precisa ser conquistado e mantido. Devem-se ter canais de negociação com a autoridade fiscalizadora e outros atores influentes. A relação com distribuidores e a obtenção de informações relevantes para o negócio envolvem algum nível de engajamento nestes circuitos econômicos. Foi estabelecida uma espécie de mensuração ordinal da dimensão da rede social em que a pessoa está envolvida. Combinando critérios de quantidades e tipos foram estipulados quatro níveis de rede social: Inexistente ou Débil, Restrita, Ponderável e Relevante. Os homens ostentam mais redes classificadas como relevantes e ponderáveis.

O ambulante Wil\* é membro da associação de artesãos. Conta que conhece o atual Prefeito da cidade desde a época que trabalhou como publicitário e que um de seus filhos trabalha com o Presidente da Câmara de Vereadores, e que seu pai era conhecido de muitos políticos. Diz que conhece muitos fiscais, porque está ali a muitos anos e que é até amigo de alguns. É amigo também de alguns lojistas.

O ambulante Paulo das “Fon\*” alega que até a mãe do Prefeito é sua cliente, o irmão do Prefeito “teve aí pra comprar um relógio desse de madeira aí pra mãe dele, e eu falei com ele mesmo 'fala pro seu irmão não mexer com esse negócio de camelódromo não, porque isso seria o fim, a miséria, o desastre...' Ele conseguiu a licença que possui através de um primo paraplégico. “Aí meu primo conseguiu a licença no nome dele e depois transferiu para o meu nome... mas isso não pode mais ser feito hoje! Eu fiquei até muito amigo do advogado que ajudou a gente, sabe?”.

A trajetória do ambulante Jhon\* mostra como uma rede constituída no âmbito de uma igreja pode jogar um papel importante na trajetória da pessoa. Na cidade de Juiz de Fora muitas licenças são bastante antigas e vários dos seus titulares não trabalham mais na rua. A legislação não permite alugar o ponto, mas admite a figura de um “preposto”, condição na qual algum membro da família desempenha a atividade em nome do titular. Existem pessoas que alugam o posto para familiares ou mesmo empregam familiares. Além disso, na verdade, certo número de titulares alugam os pontos para não familiares. O ambulante Jhon\* é um caso bem sucedido de capacidade de arrematar pontos de aluguel devido ao conhecimento da praça e as relações bem cultivadas. O ambulante contou que já frequentou a Igreja Universal há uns três anos atrás, mas que pecou com

uma fiel e teve que sair: “podia ter ido falar com o pastor e explicar a situação, mas não... ai acabei saindo da igreja. Eu tinha 5 barracas quando estava na Igreja, ganhava muito dinheiro. Mas quando saí, quebrei e fiquei sem nada. Meu ex sogro, pai da minha ex namorada até mandou ela terminar comigo porque eu tinha quebrado...”. O processo relatado indica que quando ele passou a ser “mal visto” na igreja perdeu o acesso a tantos pontos de grande valor. Entretanto, a situação atual do ambulante ainda é bastante vantajosa, pois possui duas bancas que lhe dão uma renda estimada como superior. Questionado sobre o montante declarado de lucro, o ambulante confirma a informação: “É só de lucro... isso aqui dá dinheiro sim meu amigo... um boné que eu compro 10 por 25 reais em São Paulo, eu vendo aqui tranqüilamente um por 10 / 15 reais”.

Sabe-se que a categoria de trabalhador autônomo precário, por envolver menos recursos, envolve menos a presença de sócio e incorpora menos membros não remunerados da família, quando se olha para os dados agregados. Tabulações especiais da PNAD de 2005 revelam que os titulares com sócio no negócio ou membros não remunerados da família ajudando eram em ambos os casos apenas 7,2%. Entre os ambulantes existe uma situação semelhante. Em apenas 8,9% dos casos registram-se não remunerados e em 7,8% existem sócios. Note-se que não se está tratando aqui de empreendimento familiar em que os membros da família fazem retiradas de renda do negócio, pois nesta circunstância a PNAD considera cada caso como conta própria ambulante.

Em relação à natureza da atividade que prevalece entre o conjunto de entrevistados na pesquisa qualitativa, se individual ou coletiva, e a presença de suporte, foi observada entre os homens uma incidência um tanto maior de trabalho individual isolado sem suporte ou com apoio apenas residual de outros membros da família. Esta situação talvez ajude a sustentar a condição e a imagem de provedor. Embora a atividade individual sem suporte também exista entre as mulheres, aparecem mais entre elas situações de engajamento coletivo, como empreendimento familiar, parceria de parentesco e suporte familiar parcial. A mobilização de terceiros pode ser uma condição que ajuda a viabilizar o engajamento da mulher. Mesmo quando a mulher se apresenta como a pessoa de referência da família, ao não morar com um cônjuge, o seu modo de trabalhar ainda assim estaria menos associado à necessidade ou compulsão de sustentar a imagem individual de provedor familiar. Embora a mulher tenha estado ou esteja sobrecarregada com a criação dos filhos e outras responsabilidades de reprodução

social, ela desfruta de um apoio familiar mais efetivo, quando comparados aos homens naturalizados como dominantes do espaço da rua e da individualidade.

Investigaram-se os mecanismos da desigualdade de gênero de renda entre os trabalhadores autônomos precários, combinando dados gerais sobre a sua atividade e um estudo qualitativo dos trabalhadores ambulantes, por se tratar de um tipo ocupacional tradicional e representativo desta categoria. Os dados agregados mostram uma grande discrepância de horas trabalhadas entre homens e mulheres. Existem diferenças marcantes de gênero no contexto que influenciou no ingresso na atividade e estas circunstâncias parecem se projetar na trajetória de “carreira” como ambulante. As mulheres investigadas tipicamente imprimem à atividade ambulante uma orientação de “aversão ao risco”, que privilegia a obtenção de uma renda certa, mas afasta opções alternativas mais rentáveis. Constatou-se um certo processo de “amontoamento” feminino na venda dos mesmos produtos que afeta a renda passível de ser obtida no negócio. As mulheres possuem uma rede social não familiar mais restrita, quando comparado aos homens, o que pode ter impacto indireto na atividade e na renda dela derivada. Constatou-se, então, que processos e mecanismos diversos, associados à presença ubíqua das diferenciações de gênero, que se somam e se reforçam, estão operando e contribuindo para explicar as discrepâncias de gênero de renda entre estes trabalhadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBER, Sara e GINN, Jay. (2002), *Connecting Gender and Ageing: a sociological approach*. Buckingham, Open University Press.
- BARROSO, Carmen. (1978), Sozinhas ou mal acompanhadas: a situação das mulheres chefes de família". *Anais do Primeiro Encontro Nacional de Estudos Populacionais* (ABEP). 1978.
- BLAU, Francine D., FERBER, Marianne A., WINKLER, Anne E. (1998), *The Economics of Women, Men and Work*. (3ª ed.). Upper Saddle River: Prentice Hall.
- BRANDÃO, Ludmila. (2007), Circuitos subalternos de consumo: sobre cópias baratas, falsificações e quinquilharias. *Comunicação, Mídia e Consumo*. Vol.4, n.10: 89-109.
- CROMPTON, Rosemary. (2000), The Gender Restructuring of the Middle Classes: Employment and Caring, in Rosemary Crompton, Fiona Devine, Mike Savage e John Scott (orgs). *Renewing Class Analysis*. Oxford, Blackell.

- CROMPTON, Rosemary e MANN, Michael (eds). (1994), *Gender and Stratification*. Reprinted with a new introduction. London, Polity.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (1986), *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FIGUEIREDO SANTOS, José Alcides. (2007), Classe Social e Desigualdade de Gênero no Brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, artigo submetido, em apreciação.
- FIGUEIREDO SANTOS, José Alcides. (2008), Posições de Classe Destituídas no Brasil. Artigo Inédito.
- FONSECA, Claudia. (1987), Aliados e rivais na família: o conflito entre consangüíneos e afins em uma vila portoalegrense. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n. 2: 88-104.
- MALINOWSKI, Bronislaw. (1978), *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural.
- MORGAN, Laurie A. e ARTHUR, Michelle M. (2005), “Methodological Consideration in Estimating the Gender Pay Gap for Employed Professionals”. *Sociological Methods & Research*, Vol. 33, n° 3, pp. 383-403.
- MOTTA, Flavia, MACHADO Angélica e LIMA, Fabiana. (2006), *O Sexo da Muamba*. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- PAYNE, Geoff (ed.) (2000), *Social Divisions*. New York, Santin’s Martin Press.
- PORTES, Alejandro e ZHOU, Min. (1996), Self-employment and the Earnings of Immigrants. *American Sociological Review*, v. 61, p. 219-230.
- ROSENBERG, Morris. (1976), *A lógica da análise do levantamento de dados*. São Paulo, Cultrix/USP.
- SAMARA de MESQUITA, Eni. (1989), *A família Brasileira*. São Paulo, Brasiliense.
- SARTI, Cynthia. (1996), *A Família como Espelho*. Um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas, Autores Associados.